

AGRESSORES ATIVOS EM ESCOLAS BRASILEIRAS: ANÁLISE E PROPOSTAS DE MITIGAÇÃO PARA AS ESCOLAS DO PARANÁ

ACTIVE AGGRESSORS IN BRAZILIAN SCHOOLS: ANALYSIS AND MITIGATION PROPOSALS FOR SCHOOLS IN PARANÁ

Rodrigo Bandeira dos Santos¹
Gabriel Chaves²

RESUMO: Este artigo analisa os ataques em escolas no Brasil de 2001 até julho de 2024, iniciando com uma compilação abrangente de incidentes envolvendo agressores ativos em ambiente escolar no país. A pesquisa destaca o armamento utilizado pelos agressores, permitindo uma comparação com ataques semelhantes ocorridos nos Estados Unidos, onde se observa uma diferença significativa no perfil dos agressores e no contexto social. Em seguida, são discutidos os ataques em escolas no Paraná, explorando suas particularidades, os desafios enfrentados e as iniciativas em andamento. O protocolo internacional de resposta "Corra, se esconda ou lute", criado nos Estados Unidos, é apresentado como uma ferramenta geral para lidar com esses ataques e é utilizado nos treinamentos no Paraná. O artigo também propõe soluções específicas para mitigar os impactos desses eventos nas escolas do estado, avaliando as medidas nacionais do Ministério da Educação (MEC) em relação à sua aplicabilidade local. São sugeridas medidas estruturais de proteção, como a utilização de barricadas nas salas de aula, criação de "salas seguras" e o uso de tecnologia para monitoramento, além da prevenção psicológica, do acompanhamento social e da integração com forças de segurança locais, medidas consideradas essenciais para aumentar a segurança nas instituições de ensino.

1207

Palavras Chave: Ataques em Escolas. Agressores Ativos. Mitigação.

ABSTRACT: This article analyzes school attacks in Brazil from 2001 to July 2024, beginning with a comprehensive compilation of incidents involving active aggressors in school settings across the country. The research highlights the weapons used by the attackers, allowing for a comparison with similar attacks in the United States, where significant differences in aggressor profiles and social context are observed. The discussion then focuses on school attacks in Paraná, exploring their specificities, the challenges faced, and ongoing initiatives. The international "Run, Hide, Fight" response protocol, created in the United States, is presented as a general tool for dealing with such attacks and is also used in training programs in Paraná. The article further proposes specific solutions to mitigate the impacts of these events in the state's schools, evaluating the national measures from the Ministry of Education (MEC) concerning their local applicability. Suggested structural protection measures include the use of barricades in classrooms, the creation of "safe rooms," and the use of monitoring technology, alongside psychological prevention, social support, and integration with local security forces. These measures are considered essential for enhancing safety in educational institutions.

Keywords: School Attacks. Active Aggressors. Mitigation.

¹Tenente QOPM – Oficial da Polícia Militar do Paraná. Subcomandante da Companhia de Comandos e Operações Especiais (COE) do Batalhão de Operações Especiais. Formado no Curso de Operações Especiais do Paraná em 2018.

²Tenente QOPM – Oficial da Polícia Militar do Paraná. Atuando em função no Estado Maior do Batalhão de Operações Especiais. Formado no Curso de Operações Especiais do Paraná em 2023.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os ataques em escolas no Brasil têm se tornado cada vez mais frequentes e preocupantes. Indivíduos armados com armas de fogo, facas, machados, explosivos ou até mesmo gasolina têm perpetrado esses episódios brutais, resultando em um alto número de vítimas. Na doutrina de segurança pública, os responsáveis por tais ataques são denominados "agressores ativos". Essa terminologia agora inclui tanto "atiradores ativos" quanto "agressores ativos", refletindo que muitos desses indivíduos não se restringem ao uso de armas de fogo, mas também utilizam armas brancas e líquidos inflamáveis durante os ataques.

O Departamento de Segurança dos Estados Unidos (DHS), em 2008, definiu agressor ativo como um indivíduo armado engajado em matar ou tentar matar pessoas em uma área populosa e confinada. Esses eventos são caracterizados por sua complexidade e urgência, pois a intenção do agressor é atingir o maior número possível de vítimas. Essa tipologia de ocorrência se enquadra na definição de "Crise Policial", conforme o Federal Bureau of Investigation (FBI), que a descreve como um evento que exige uma resposta especial da polícia para assegurar uma solução aceitável.

Neste contexto, o agressor pode ser considerado um Causador do Evento Crítico (CEC), termo definido por Silva (2016) como todo indivíduo que provoca um evento crítico. Na Polícia Militar do Paraná, a Diretriz nº 005 de 2011 estabelece procedimentos de gerenciamento de crises, e o Procedimento Operacional Padrão (POP 200.2) regulamenta a primeira intervenção em crises envolvendo agressores ativos. Contudo, é fundamental que a primeira equipe policial que chegue ao local adote os procedimentos necessários para neutralizar a agressão.

Com base nos dados do "Relatório de Política Educacional: Ataques de Violência Extrema em Escolas no Brasil", publicado em 2023 pela associação civil sem fins lucrativos "Dados para um Debate Democrático na Educação (D³e)", os autores elaboraram uma tabela que apresenta um total de 44 casos registrados desde 2001 até julho de 2024. Essa tabela, inspirada na fonte mencionada, também abrange um número maior de incidentes, incluindo os ocorridos em 2024, ao incorporar casos identificados por meio de uma extensa pesquisa na internet, refletindo um panorama mais abrangente do fenômeno.

Este artigo tem como objetivo analisar os ataques em escolas no Brasil, destacando as características e os tipos de armamento utilizados pelos agressores. Embora haja uma breve

comparação com os ataques em escolas nos Estados Unidos, que ocorrem com maior frequência e envolvem armamento mais potente, o foco principal é aprofundar a compreensão dos incidentes brasileiros. Além disso, o artigo propõe medidas práticas que possam mitigar esses eventos nas escolas do Paraná, visando garantir que todos no ambiente escolar possam se proteger até a chegada da equipe policial.

2. MÉTODOS

A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem exploratória bibliográfica, fundamentando-se nas obras de Gil (2010) e Vergara (2005). Segundo Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é uma etapa crucial na construção do conhecimento, pois envolve um levantamento sistemático de materiais relacionados ao tema em estudo, permitindo uma visão ampla do fenômeno investigado. Essa abordagem proporciona ao pesquisador uma base sólida para o desenvolvimento de seus objetivos de pesquisa.

Com base na pesquisa exploratória, foi elaborada uma tabela que compila todos os incidentes críticos envolvendo agressores ativos no Brasil até julho de 2024, em ambiente escolar. O foco principal está no armamento utilizado por esses agressores, o que se alinha à proposta de Vergara (2005), que destaca a importância da coleta e organização de dados para a interpretação das informações. A tabela não apenas reúne dados relevantes, mas também atua como um recurso para a compreensão mais abrangente da problemática dos ataques em ambientes escolares.

Além disso, a metodologia incluiu uma breve comparação com os ataques ocorridos nos Estados Unidos, que apresentam um número de incidentes críticos muito superior ao do Brasil. Esta análise permitiu identificar padrões e diferenças significativas no perfil dos agressores e no contexto social. Conforme indicado por Gil (2010), a análise de dados envolve a coleta, organização e interpretação das informações obtidas, facilitando a construção de conhecimento a partir dos dados levantados.

Por fim, a pesquisa também se propôs a identificar medidas de mitigação para os incidentes em escolas no Paraná. Essa abordagem é fundamentada na premissa de que a identificação de estratégias eficazes pode contribuir para a segurança nas instituições educacionais, alinhando-se às orientações metodológicas apresentadas por Vergara (2005), que enfatiza a importância da aplicação prática das pesquisas para a resolução de problemas sociais.

3. ATAQUES EM ESCOLAS NO BRASIL (2001 a jul. 2024)

Tabela 1 - Ocorrências de Ataques de Agressores Ativos em instituições de Ensino no Brasil

Nº	Data	UF	Local	Tipo de Armamento	Vítimas Fatais	Vítimas Não Fatais
1	06/08/2001	BA	Colégio Estadual Aloysio Short, Macaúbas.	Arma de fogo Garrucha	0	7
2	28/10/2002	BA	Colégio Sigma, Salvador.	Arma de fogo (revólver calibre 38)	2	0
3	28/01/2003	SP	Escola Estadual Benedito Ortiz, Taiúva.	Arma de fogo (revólver calibre 38)	0	8
4	19/05/2008	ES	Escola Estadual Dr. José Moysés, Cariacica.	Arma de fogo (revólver)	0	1
5	07/04/2011	RJ	Escola Municipal Tasso da Silveira, Rio de Janeiro.	Arma de fogo (revólver calibre 38 e outro 32)	12	13
Nº	Data	UF	Local	Tipo de Armamento	Vítimas Fatais	Vítimas Não Fatais
6	22/09/2011	SP	Escola Municipal Professora Alcina Dantas Feijão, São Caetano do Sul.	Arma de fogo (revólver calibre 38)	0	1
7	11/04/2012	PB	Escola Estadual Enéas Carvalho, Santa Rita.	Arma de fogo (revólver calibre 38)	0	3
8	05/10/2017	MG	Centro Municipal de Educação Infantil Gente Inocente, Janaúba.	Fogo	13	37
9	20/10/2017	GO	Colégio Goyases, Goiânia.	Arma de fogo (pistola calibre 40)	2	4
10	06/11/2017	GO	Colégio Estadual da PMGO, 13 de Maio, Alexânia.	Arma de fogo (revólver calibre 32)	1	0

11	28/09/2018	PR	Colégio Estadual João Manoel Mondrone, Medianeira.	Arma de fogo (garrucha calibre 22 e coquetel molotov)	0	2
12	13/03/2019	SP	Escola Estadual Professor Raul Brasil, Suzano.	Arma de fogo (revólver calibre 38, machadinhas, besta e coquetel molotov)	7	11
13	27/05/2019	PI	Unidade Escolar Gov. Helvídio Nunes. Campo Largo do Piauí.	Arma branca (facas e canivete)	0	0
14	21/08/2019	RS	Instituto Estadual de Educação Assis Chateaubriand, Charqueadas.	Arma branca (machadinha e coquetel molotov)	0	3
15	07/11/2019	MG	Escola Estadual Orlando Tavares, Carai.	Arma de fogo (garrucha e facão)	0	2
16	29/03/2021	SP	Colégio Dom Bosco, Americana.	Arma branca (Arma de pressão e coquetel Molotov)	0	1
Nº	Data	UF	Local	Tipo de Armamento	Vítimas Fatais	Vítimas Não Fatais
17	04/05/2021	SC	Escola Infantil Pró-Infância Aquarela, Saudades.	Arma branca (faca)	5	1
18	22/03/2022	SP	Colégio Floresta, São Paulo.	Arma branca (faca)	0	1
19	08/04/2022	RJ	Centro Municipal de Educação Menaldo Carlos de Magalhães, Saquarema.	Arma branca (faca, coquetel molotov e líquido inflamável)	0	0
20	06/05/2022	RJ	Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, Rio de Janeiro.	Arma branca (machadinha)	0	3
21	19/08/2022	ES	Escola Éber Louzada Zippinotti, Vitória.	Arma branca (balestra, flechas, faca, coquetel molotov)	0	1
22	26/09/2022	BA	Escola Municipal Eurides Santana, Barreiras.	Arma de fogo (revólver, faca, machado)	1	0

23	27/09/2022	BA	Escola Municipal Yeda Barradas Carneiro, Morro do Chapéu.	Arma branca (faca e coquetel molotov)	0	1
24	05/10/2022	CE	Escola Estadual Professora Camosina Ferreira Gomes, Sobral.	Arma de fogo (revólver calibre 38)	1	2
25	23/11/2022	RJ	Escola Municipal Deoclécio Dias Machado Filho, Mesquita.	Galão de gasolina	0	0
26	25/11/2022	ES	Escola Primo Bitti e Centro Educacional Praia de Coqueiral, Aracruz.	Arma de fogo (revólver calibre 38)	4	12
27	14/12/2022	SP	Escola Estadual Professor Júlio Mastrodomênico, Ipaussu.	Arma branca (faca, canivete, simulacro)	0	3
28	13/02/2023	SP	Escola Municipal Vista Alegre, São Paulo, Monte Mor.	Arma branca (coquetel molotov)	0	0
Nº	Data	UF	Local	Tipo de Armamento	Vítimas Fatais	Vítimas Não Fatais
29	27/03/2023	SP	Escola Estadual Thomazia Montoro, São Paulo.	Arma branca (faca)	1	4
30	28/03/2023	RJ	Escola Municipal Manoel Cicero.	Arma branca (faca e machadinha)	0	3
31	05/04/2023	SC	Creche Cantinho Bom Pastor, Blumenau.	Arma branca (machadinha)	4	5
32	10/04/2023	AM	Instituto Adventista de Manaus, Manaus.	Arma branca (faca)	0	3
33	11/04/2023	GO	Colégio Estadual Dr. Marco Aurélio, Santa Tereza de Goiás.	Arma branca (Faca, machadinha, coquetel Molotov)	0	2
34	12/04/2023	CE	Escola Municipal Isaac de Alcântara Costa, Farias de Brito.	Arma branca (machadinha)	0	2
35	18/05/2023	MS	Escola Municipal Bernardo Franco Baís, Campo Grande.	Arma branca (faca, marreta)	0	2
36	19/06/2023	PR	Colégio Estadual Helena Kolody, Cambé.	Arma de fogo (revólver calibre 38 e machadinha)	2	0
37	18/08/2023	SP	Escola Estadual Arlindo Fávaro, Leme.	Arma branca (martelo, faca, lança chamas)	0	1

38	10/10/2023	MG	Escola Profissional Dom Bosco, Poços de Caldas.	Arma branca (faca)	1	3
39	23/10/2023	SP	Escola Estadual Sapopema, São Paulo.	Arma de fogo (revólver calibre 38)	1	2
40	04/03/2024	DF	Colégio Centro Educacional São José, São Sebastião.	Arma branca (faca)	0	5
41	19/03/2024	PR	Colégio Estadual Marcelino Champagnat, Londrina.	Arma branca (faca)	0	2
42	20/03/2024	MG	Escola Estadual Coronel Elidio Alves Ferreira, Salto da Divisa.	Arma branca (faca e fogo)	0	3
Nº	Data	UF	Local	Tipo de Armamento	Vítimas Fatais	Vítimas Não Fatais
43	17/06/2024	MG	Escola Municipal Governador Lacerda, Belo Horizonte.	Arma branca (faca)	0	2
44	02/07/2024	SC	Escola Irmã Tersesa, Palhoça.	Arma branca (faca)	0	1

Fonte: Os autores, 2024.

A tabela apresentada resume 44 ocorrências de ataques em instituições de ensino no Brasil entre 2001 e 2024, revelando a gravidade e a frequência desses eventos. Os dados mostram uma variedade de tipos de armamento utilizados pelos agressores, incluindo armas de fogo e armas brancas, além do uso de fogo e explosivos. Notavelmente, a grande maioria desses ataques ocorreu nos últimos anos, indicando um aumento preocupante na violência em ambientes educacionais. O revólver calibre 38 se destaca como a arma de fogo mais presente, refletindo uma preferência por armas de fácil acesso, pois é uma arma popular no Brasil.

Esses ataques, que variam em intensidade e consequências, reforçam a necessidade de desenvolver estratégias eficazes de prevenção e resposta. A análise desses dados é fundamental para a implementação de políticas públicas de segurança nas escolas, buscando reduzir a frequência e a gravidade desses eventos.

3.1 Principais ataques a Instituições de Ensino no Brasil

Destacamos os principais ataques ocorridos em instituições de ensino no Brasil, levando em consideração o número de vítimas fatais. Esses incidentes não apenas refletem a gravidade e a frequência crescente da violência em ambientes educacionais, mas também evidenciam a necessidade urgente de implementar medidas eficazes de prevenção, resposta e mitigação. A análise detalhada dos casos revela padrões preocupantes, sugerindo que a adoção de políticas de segurança abrangentes, aliada ao fortalecimento da colaboração entre a comunidade escolar e as autoridades, é fundamental. Além disso, é imprescindível desenvolver estratégias de mitigação que abordem questões psicológicas e promovam o acompanhamento social dos alunos, garantindo um ambiente escolar mais seguro e acolhedor para todos.

Tabela 2 - Principais de Ataques a instituições de Ensino no Brasil

Data	UF	Local	Tipo de Armamento	Vítimas Fatais	Vítimas Fatais	Não
28/10/2002	BA	Colégio Sigma, Salvador.	Arma de fogo (revólver calibre 38)	2	0	
07/04/2011	RJ	Escola Municipal Tasso da Silveira, Rio de Janeiro.	Arma de fogo (revólver calibre 38 e outro 32)	12	13	
05/10/2017	MG	Centro Municipal de Educação Infantil Gente Inocente, Janaúba.	Fogo	13	37	
20/10/2017	GO	Colégio Goyases, Goiânia.	Arma de fogo (pistola calibre 40)	2	4	

13/03/2019	SP	Escola Estadual Professor Raul Brasil, Suzano.	Arma de fogo (revólver calibre 38, machadinhas, besta e coquetel molotov)	7	11	
04/05/2021	SC	Escola Infantil Pró-Infância Aquarela, Saudades.	Arma branca (faca)	5	1	
25/11/2022	ES	Escola Primo Bitti e Centro Educacional Praia de Coqueiral, Aracruz.	Arma de fogo (revólver calibre 38)	4	12	
05/04/2023	SC	Creche Cantinho Bom Pastor, Blumenau.	Arma branca (machadinha)	4	5	
19/06/2023	PR	Colégio Estadual Helena Kolody, Cambé.	Arma de fogo (revólver calibre 38 e machadinha)	2	0	

Fonte: Os autores, 2024.

O ataque mais letal registrado no país ocorreu em 2017, em Janaúba, Minas Gerais, onde o agressor utilizou fogo, resultando na morte de 13 pessoas. Outros ataques marcantes incluem o massacre na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano, São Paulo, que deixou 7 vítimas fatais; e o ataque na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, Rio de Janeiro, que resultou em 12 mortes. Tanto Realengo quanto Suzano foram especialmente emblemáticos, marcando a sociedade brasileira pelo nível de brutalidade e pela repercussão nacional que provocaram. O ataque à Escola Infantil Pró-Infância Aquarela, em Saudades, Santa Catarina, foi impactante também porque deixou três crianças menores de 2 anos e duas educadoras

mortas, intensificando o choque da população. A distribuição desses eventos não segue um padrão regional claro, o que sugere que influências externas, como o acesso a conteúdos violentos e ideologias disseminadas pela internet, podem desempenhar um papel significativo. Isso indica a necessidade de uma análise mais ampla que leve em consideração não apenas fatores locais, mas também as dinâmicas globais que contribuem para a radicalização desses jovens e a perpetuação de ataques.

3.2 Ataques em escolas no Paraná

Nos últimos anos, o Paraná registrou três incidentes graves em escolas estaduais. Embora não se possa afirmar que o estado apresente um número desproporcional de ocorrências em comparação com outras unidades da federação, esses eventos ressaltam a urgência de fortalecer as medidas preventivas e de resposta a emergências nas instituições de ensino.

Tabela 3 - Ataques em Instituições de Ensino no Paraná

Data	UF	Local	Tipo de Armamento	Vítimas Fatais	Vítimas Não Fatais
28/09/2018	PR	Colégio Estadual João Manoel Mondrone, Medianeira.	Arma de fogo (garrucha calibre 22 e coquetel molotov)	0	2
19/06/2023	PR	Colégio Estadual Helena Kolody, Cambé.	Arma de fogo (revólver calibre 38 e machadinha)	2	0
19/03/2024	PR	Colégio Estadual Marcelino Champagnat, Londrina.	Arma branca (faca)	0	2

Fonte: Os autores, 2024.

Os ataques, que ocorreram entre 2018 e 2024, compartilham características comuns observadas em nível nacional, destacando o uso predominante de armas de fogo de baixo calibre e armas brancas. Essa variedade de formas de violência atingiu escolas em cidades de diferentes portes, evidenciando a necessidade premente de aprimorar as estratégias de segurança nas instituições educacionais.

3.3 Características dos Incidentes

Os casos ocorridos no Paraná envolveram o uso de armas (de fogo ou brancas) em escolas estaduais, resultando em vítimas fatais e feridas. Em dois dos três episódios, os agressores utilizaram armas de fogo, enquanto no mais recente, em Londrina, uma faca foi a arma utilizada. Esses incidentes demonstram a dificuldade em prever e prevenir tais atos, já que cada ataque apresenta um *modus operandi* distinto. Como afirmado por Nunes (2020), "o aumento da violência nas escolas exige uma abordagem integrada que inclua a segurança física, a educação e o suporte psicológico para alunos e educadores".

Outro aspecto relevante é o perfil das escolas: todas são instituições públicas estaduais, o que sugere que a vulnerabilidade pode estar associada a questões estruturais de segurança nessas unidades. Além disso, nota-se que os ataques ocorreram em cidades de diferentes tamanhos, como Medianeira, Cambé e Londrina, evidenciando que a violência escolar não se restringe a grandes centros urbanos. De acordo com Santana (2021), "*programas de segurança escolar devem focar em prevenção, promovendo um ambiente seguro e saudável para a aprendizagem*".

Após cada incidente, as forças de segurança do Paraná agiram de maneira rápida, com ações que variaram desde a prisão dos agressores até o reforço das medidas de segurança nas escolas. A Polícia Militar do Paraná, com base na POP nº 200.2, que trata da primeira intervenção em crises envolvendo agressores ativos, promove treinamentos específicos ao seu efetivo para demonstrar o conjunto de ações técnicas a ser aplicado pelo policial militar ou pela equipe de policiais militares que primeiro se deparam com ocorrências críticas em andamento (SILVA, 2015, p. 57). Além disso, o Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e o Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC) realizam capacitações direcionadas a professores e funcionários de instituições de ensino.

No entanto, mesmo com essas iniciativas, o caso mais recente, ocorrido em Londrina em 2024, evidenciou a necessidade urgente de aprimorar os protocolos de segurança e adotar medidas de mitigação mais eficazes. Isso inclui não apenas o treinamento contínuo de professores e alunos para lidar com situações de risco, mas também a implementação de programas preventivos que abordem questões psicológicas e comportamentais. O acompanhamento de alunos que apresentem sinais de desvios comportamentais ou psicológicos torna-se fundamental para a identificação precoce de riscos, permitindo uma atuação preventiva eficaz na redução do potencial de novos ataques.

3.4 Desafios e Iniciativas

A violência em escolas do Paraná apresenta desafios contínuos. A falta de um padrão claro de atuação por parte dos agressores dificulta a prevenção. Embora ações imediatas sejam essenciais, o desenvolvimento de políticas de longo prazo, como a integração de psicólogos e assistentes sociais nas escolas, é igualmente crucial. O Programa Escola Segura, uma iniciativa do Governo do Paraná em colaboração com a Polícia Militar e as Secretarias de Estado da Educação e do Esporte, visa não apenas aumentar a segurança nas escolas, mas também promover a integração entre a comunidade escolar e as forças de segurança. A presença de um policial nas escolas pode trazer uma sensação adicional de segurança, além de inibir possíveis ataques, estabelecendo uma relação de confiança com os alunos e promovendo o diálogo sobre segurança. Esse projeto busca estabelecer uma cooperação eficaz entre educadores e policiais, enfatizando a mediação de conflitos e a prevenção da violência nas instituições de ensino (PARANÁ, 2019). Oliveira (2022) destaca que "iniciativas como o Programa Escola Segura são cruciais para a construção de um espaço escolar mais seguro e acolhedor."

Para o futuro, é vital que o estado do Paraná continue aprimorando seus mecanismos de prevenção e resposta, promovendo uma maior integração da comunidade escolar nesses esforços e garantindo que as escolas sejam ambientes seguros para o desenvolvimento educacional e social dos alunos. Mais adiante, neste artigo, abordaremos detalhadamente as 'Soluções propostas para as escolas do Paraná', com foco em medidas específicas para fortalecer a segurança no ambiente escolar.

4. CARACTERÍSTICAS DOS AGRESSORES E ARMAMENTO UTILIZADO

4.1 Perfil dos Agressores Brasileiros

No Brasil, os agressores são do sexo masculino, geralmente brancos, com idades entre 10 e 25 anos, atuando em duplas ou sozinhos na maior parte das vezes. Os atos costumam ser planejados com antecedência e podem ter motivações diversas, como bullying, vingança e extremismo político ou religioso (LOUZADA, 2024).

De acordo com estudo do Ministério da Educação, denominado "Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental" (2023), todos os ataques no Brasil foram cometidos por indivíduos do sexo masculino, motivados por discursos de ódio e/ou por comunidades online de extrema violência. O estudo pontuou que alguns elementos estão vinculados a esse tipo de crime, evidenciando que a motivação para ataques

em escolas pode estar relacionada a fatores como desejo de vingança e ressentimento em relação à sociedade e ao ambiente escolar.

Os perpetradores frequentemente se identificam com ideologias extremistas que promovem o ódio. O planejamento dos ataques tende a seguir padrões estabelecidos por eventos anteriores, e a busca por notoriedade é central, já que muitos almejam reconhecimento público, mesmo que negativo, entendendo que atacar uma escola é uma forma de chamar atenção. Além disso, há um desejo de registrar o ataque e controlar a narrativa sobre o crime, facilitado por câmeras de segurança e pela cobertura midiática, que pode ser influenciada pelo fascínio e pela viralização nas redes sociais. Os agressores, que em muitos casos, exaltam o uso de armas, tratam a experiência do ataque como um jogo de videogame, refletindo a gamificação da vida e da violência.

O estudo aponta que a Internet é utilizada para recrutamento, formação de subcomunidades de ódio, mobilização e convites para ações violentas. Os atentados frequentemente seguem padrões e simbologias de incidentes anteriores, resultando na repetição de crimes semelhantes, conhecidos como copycat crimes ou "crimes de imitação". Essa repetição pode ser exacerbada pela intensa divulgação desses ataques pela mídia, incentivando outros a realizarem ações semelhantes em busca de atenção ou reconhecimento. Assim, observa-se que o extremismo é um fator central por trás dos ataques às escolas, impulsionado pelo ódio às diferenças (LOUZADA, 2024). Além disso, outros fatores que podem contribuir para a ocorrência desses incidentes incluem isolamento social, falta de diálogo e ausência de apoio social (DA SILVA; JACOB, 2023).

4.2 Armas Utilizadas no Brasil

Ao se analisar os dados da Tabela 1 deste artigo, quantificando os instrumentos utilizados pelos agressores, e estabelecendo também a somatória de vítimas fatais e não fatais, obtemos o seguinte extrato:

Tabela 4 - Armas utilizadas pelos agressores em ataques no Brasil

Tipo de Instrumento	Casos que foram utilizados	Vítimas Fatais	Vítimas não fatais
Arma de Fogo	17	33	68
Arma Branca	25	11	51

Artefato
Incendiário (fogo, 2 37 13
gasolina)

Fonte: Os autores, 2024

Constata-se que embora a utilização de armas brancas seja mais frequente pelos autores dos ataques, considerando sua utilização como armamento principal, as armas de fogo são as maiores causadoras das vítimas.

Aprofundando a análise, passamos a analisar quais são os tipos de armas de fogo utilizadas.

Tabela 5 - tipo de armas de fogo utilizadas nos ataques

Tipo de Arma	Quantitativo de ataques em que foram utilizadas
Garrucha	3
Revólver	13
Pistola	1

Fonte: Os autores, 2024.

Assim, percebe-se que no Brasil as armas de fogo utilizadas nos ataques são armas curtas, com baixa energia, não havendo nenhum registro de ataque, no qual o agressor estivesse com armas de alta energia, como um fuzil por exemplo.

4.3 Forma de atuação - Modus Operandi

Os ataques são brutais e duram aproximadamente de 10 a 15 minutos. Nesse período, o agressor percorre as dependências da escola, fazendo o maior número possível de vítimas. É comum que, após a chegada das equipes policiais, o agressor tente cometer suicídio (SILVA; COELHO, 2024).

Ataques dessa natureza demandam a aquisição de materiais e planejamento por parte dos agressores. Por isso, é comum que o agressor tenha alguma relação com a escola alvo do ataque. Um exemplo disso ocorreu em 25 de novembro de 2022, no estado do Espírito Santo,

onde o agressor passou dois anos planejando o ataque (DA SILVA; JACOB, 2023 apud LOPES, 2023).

No entanto, também foram registradas situações em que os agressores não possuíam histórico com a unidade de ensino atacada, escolhendo aleatoriamente o estabelecimento pela vulnerabilidade de segurança e pela facilidade de acesso, como muros baixos (VANTROBA, 2023).

A análise do modus operandi desses criminosos é crucial para a formulação de propostas de mitigação e prevenção, as quais serão exploradas ao longo do artigo.

5. COMPARAÇÃO COM OS ATAQUES NOS EUA

5.1 Diferenças no Perfil dos Agressores e Armamento

Os ataques de agressores ativos nos Estados Unidos são significativamente mais recorrentes do que no Brasil. Segundo o estudo "Active Shooter Incidents in the United States in 2023", conduzido pelo FBI, entre 2019 e 2023 foram registrados 229 ataques, perpetrados por 235 criminosos, com uma média de 48 incidentes apenas em 2023 (FBI, 2023). Esses ataques ocorreram em uma variedade de locais, como estabelecimentos comerciais, espaços abertos, escolas, prédios públicos, residências, unidades de saúde e locais de culto. A faixa etária dos agressores variou entre 12 e 85 anos. Durante os 229 ataques, foram empregadas 294 armas de fogo, sendo 187 pistolas, 79 rifles, 14 espingardas e 14 armas não identificadas. Além disso, dezesseis agressores usaram coletes balísticos durante os ataques.

No Brasil, esse tipo de crime ocorre predominantemente em unidades escolares. Embora existam episódios em outros contextos, como no shopping center do bairro Morumbi/SP em 1999, na Catedral Metropolitana de Campinas/SP em 2018, e no metrô de Piracicaba/SP em 2022, a realidade brasileira demonstra que as escolas são os principais alvos desses ataques. Diante disso, o foco deste artigo é analisar esses crimes em ambientes escolares.

No que diz respeito ao perfil dos agressores no Brasil, observa-se que os ataques ocorrem predominantemente em instituições de ensino, com a faixa etária dos autores variando entre 10 e 25 anos. Os armamentos utilizados são, em sua maioria, armas de fogo de baixa energia, como pistolas, revólveres e/ou garruchas, além de armas brancas, como facas e machados, e artefatos incendiários, como fogo e gasolina. Uma distinção relevante em relação aos ataques ocorridos nos Estados Unidos é que, no Brasil, em nenhum dos casos registrados o agressor estava utilizando coletes balísticos ou armas de alta energia, como fuzis ou carabinas.

5.2 Diferença de Contexto Social

Embora os ataques possam ter motivações semelhantes, a realidade das sociedades brasileira e norte-americana apresenta diferenças significativas. Nos Estados Unidos, a Segunda Emenda da Constituição garante o direito à posse de armas de fogo para legítima defesa, o que facilita substancialmente o acesso a armas por agressores ativos.

No Brasil, a legislação sobre posse e porte de armas impõe restrições significativas, o que limita o acesso a armas de fogo. Esse controle rigoroso contribui para que armas brancas, como facas e machados, sejam mais comumente utilizadas nos ataques, devido à sua maior facilidade de obtenção. Além disso, a escassez de armas longas e de alta energia, como fuzis, nos ataques é explicada pela dificuldade de acesso a esses armamentos no país, já que sua aquisição é ainda mais restrita pela legislação vigente.

Apesar das diferenças de contexto, a motivação dos ataques costuma ser semelhante, com os agressores utilizando os recursos disponíveis. Nesse cenário, a internet surge como um facilitador para a disseminação de ideologias extremistas. Isso pode explicar por que esses ataques se assemelham tanto, mesmo ocorrendo em sociedades tão diferentes. A internet tem sido um meio de cooptação de jovens, com a divulgação de materiais neonazistas e neofascistas, ensinando desde a fabricação de artefatos explosivos até o planejamento de ataques em espaços públicos, como escolas (LOUZADA, 2024).

1222

Embora a internet seja usada para disseminar essas ideias extremistas, também pode ser um recurso valioso para combater e mitigar tais ataques. O FBI, em seus esforços para reduzir a notoriedade buscada pelos agressores, orienta que policiais e, principalmente, a mídia, ao reportar esses eventos, priorizem o foco nas vítimas, sobreviventes, heróis que neutralizaram os agressores, e nas comunidades que prestaram apoio, sem dar destaque ao agressor.

Com o objetivo de entender e sugerir soluções para esses ataques, o Brasil sancionou, em agosto de 2023, a Lei Federal 14.643, que autorizou o Poder Executivo a implantar um serviço de monitoramento de violência escolar, visando, principalmente, realizar estudos para encontrar soluções para esse tipo de incidente.

Adicionalmente, em janeiro de 2024, foi sancionada a Lei Federal 14.811, que estabelece medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência em estabelecimentos educacionais, alterando o Código Penal, a Lei de Crimes Hediondos e o Estatuto da Criança e do Adolescente. Dentre essas alterações, destaca-se o item III do § 2º-B do art. 121, que estabelece:

Art. 121. Matar alguém:

[...]

§ 2º-B. A pena do homicídio contra menor de 14 (quatorze) anos é aumentada de:

[...]

III - 2/3 (dois terços) se o crime for praticado em instituição de educação básica pública ou privada, (BRASIL, 2024).

Além da qualificadora do ambiente escolar, esta lei também inseriu o Art. 146-A no Código Penal, tipificando a prática de intimidação sistemática, bullying, tanto de forma presencial, quanto por meio da internet (cyberbullying):

Art. 146-A. Intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais:

Pena - multa, se a conduta não constituir crime mais grave.

Intimidação sistemática virtual (cyberbullying)

Parágrafo único. Se a conduta é realizada por meio da rede de computadores, de rede social, de aplicativos, de jogos on-line ou por qualquer outro meio ou ambiente digital, ou transmitida em tempo real:

Pena - reclusão, de 2 (dois) anos a 4 (quatro) anos, e multa, se a conduta não constituir crime mais grave, (BRASIL, 2024).

Embora os casos de agressores ativos sejam mais recorrentes nos EUA, as recentes alterações na legislação brasileira visam mitigar os problemas relacionados à violência nas escolas e promover a segurança nas instituições de ensino. Essa legislação reconhece a importância de abordar as causas subjacentes à violência juvenil, como a prática do bullying, que pode ser um fator desencadeador de comportamentos violentos.

6. PROTOCOLO DE RESPOSTA: CORRA, SE ESCONDA OU LUTE

O protocolo "Corra, se esconda ou lute" (em inglês, Run, Hide, Fight) foi criado nos Estados Unidos em resposta à crescente incidência de ataques de atiradores em massa no país. Com base em sua experiência frequente com esse tipo de violência, as autoridades americanas, como o Departamento de Segurança Interna (Department of Homeland Security - DHS), desenvolveram um conjunto de orientações práticas para aumentar as chances de sobrevivência em situações de violência ativa (DHS, 2008). O protocolo estabelece três etapas principais: fugir, esconder-se ou lutar com o agressor, permitindo que as pessoas tomem decisões rápidas e eficazes para proteger suas vidas.

A primeira e mais recomendada ação é correr. Se houver uma rota segura de fuga, a pessoa deve evacuar o local imediatamente, deixando pertences para trás e encorajando outras pessoas a fazer o mesmo. Segundo o Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos, “a prioridade deve ser sair da área de perigo o mais rápido possível” (DHS, 2008). Estudos indicam que, quando a fuga é viável, essa decisão pode reduzir significativamente o número de vítimas, especialmente nos primeiros momentos do ataque.

Se a fuga não for possível, a orientação seguinte é se esconder. O ideal é encontrar um local seguro, longe da vista do agressor, e bloquear ou trancar portas para dificultar o acesso. A Agência Federal de Gerenciamento de Emergências dos EUA (FEMA) reforça a importância de se manter silencioso e fora de vista: “As pessoas devem apagar as luzes, silenciar telefones e outros dispositivos eletrônicos e aguardar até que as forças de segurança cheguem” (FEMA, 2017).

A última etapa do protocolo é lutar. Quando não há mais opções, a pessoa deve confrontar o agressor com o máximo de agressividade, utilizando objetos disponíveis como armas improvisadas. Embora seja a última alternativa, o Departamento de Segurança Interna destaca que essa abordagem deve ser usada “com determinação para incapacitar o agressor” (DHS, 2008).

Essas orientações ganharam ainda mais relevância após o tiroteio na Universidade Virginia Tech, ocorrido em 16 de abril de 2007. Durante o ataque, um único atirador, Seung-Hui Cho, matou 32 pessoas e feriu outras 17 em um campus que não estava preparado para uma situação de atirador ativo. A tragédia destacou as falhas nas respostas a esse tipo de incidente, revelando que as estratégias tradicionais de segurança, como simplesmente se trancar em salas e esperar pela polícia, não eram suficientes para proteger as vidas dos estudantes e funcionários. Embora se esconder seja uma das ações corretas, é crucial que as pessoas tomem medidas adicionais, como trancar as portas, montar barricadas e manter o silêncio. Além disso, é fundamental que as salas de aula estejam equipadas com estruturas adequadas para serem trancadas e barricadas, além de suportarem disparos, aumentando assim as chances de sobrevivência.

O massacre de Virginia Tech resultou em uma reavaliação urgente das práticas de segurança em instituições educacionais e em outros locais públicos. Em resposta a esses desafios, o DHS desenvolveu o protocolo “Corra, se esconda ou lute”, enfatizando que o objetivo principal é aumentar as chances de sobrevivência durante um ataque de atirador. O

protocolo estabelece três ações principais: correr, esconder-se ou lutar, permitindo que as pessoas tomem decisões rápidas e eficazes para proteger suas vidas.

No Brasil, o protocolo "Corra, se esconda ou lute" tem sido amplamente divulgado e implementado em escolas paranaenses, visando preparar alunos e funcionários para situações de emergência. Um caso recente que exemplifica a esses treinamentos ocorreu no dia 19 de junho de 2023, durante o ataque ao Colégio Estadual Professora Helena Kolody, em Cambé, no Norte do Paraná, que resultou em duas vítimas fatais. Um vídeo gravado por um estudante mostra o momento em que ele e outros colegas se ocultam em silêncio em uma das salas enquanto o atirador tentava forçar a entrada, batendo na porta e dizendo "eu sei que tem gente ai, pode abrir a porta ou vai morrer todo mundo", (RIC MAIS, 2023), na sequência barulhos de batida, forçando a entrada, refletindo as medidas de segurança adotadas pelos alunos. Apesar da tragédia, o treinamento recebido pelos estudantes se mostrou valioso, pois eles trancaram a porta, permaneceram calados e em posição segura, evitando que a situação resultasse em mais perdas.

Este incidente, que foi brutal e não poupou a vida de dois jovens inocentes, ilustra a importância de preparar a comunidade escolar para agir de maneira eficaz diante de ameaças, ressaltando que o treinamento adequado pode salvar vidas e mitigar os impactos de situações de violência, pois poderia ter sido pior.

7. SOLUÇÕES PROPOSTAS PARA AS ESCOLAS DO PARANÁ

Com base nas informações apresentadas na Tabela 4 deste artigo, nos 44 casos de ataques a instituições de ensino no Brasil, a utilização de armas foi diversa: 17 casos envolveram armas de fogo, 25 utilizaram armas brancas e dois foram com artefatos incendiários. Nos três casos que ocorreram no Paraná, dois deles foram com utilização de arma de fogo e um com uso de arma branca.

É importante destacar que as armas de fogo utilizadas nesses ataques foram de baixa energia, como revólveres, garruchas e, em apenas um caso, pistola. Não houve registro de uso de armas de alta energia, como fuzis. Esses dados refletem a dinâmica dos ataques no Brasil, mostrando a predominância de armas de fogo de menor potência e uma variedade de métodos utilizados pelos agressores. Isso pode ser relevante para a análise de políticas de segurança e prevenção nas instituições de ensino.

7.1 Medidas Nacionais do MEC para Prevenir Ataques às Escolas e sua Aplicabilidade no Paraná

Nos últimos anos, o Brasil tem enfrentado um aumento alarmante nos ataques a escolas, o que exige uma resposta eficaz das autoridades. Em resposta a essa questão, o Ministério da Educação, em seu relatório “Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental” (2023), propôs doze ações emergenciais que devem ser promovidas pelo Estado brasileiro para prevenir tais incidentes. Embora essas medidas sejam destinadas a todas as escolas do país, sua aplicabilidade e adequação às realidades locais, especialmente no Paraná, são essenciais para garantir um ambiente seguro para os alunos e profissionais da educação.

1. **Desmembramento de Subcomunidades de Ódio:** Ações para combater grupos extremistas que recrutam jovens, além de desenvolver programas de apoio para aqueles que foram cooptados.

2. **Promoção da Cultura de Paz:** Implementação de um controle rigoroso sobre a venda, porte e uso de armas de fogo e munições, incluindo o monitoramento de clubes de tiro e a proibição do acesso de crianças e adolescentes a esses locais.

3. **Responsabilização das Redes Sociais:** As plataformas devem ser responsabilizadas pela circulação de conteúdo extremista e ilegal, assim como punir aqueles que compartilham informações e vídeos relacionados a ataques.

4. **Atualização das Leis:** Revisão das legislações pertinentes a crimes de ódio e bullying, visando uma abordagem mais eficaz dentro do ambiente escolar.

5. **Sistema Nacional de Acompanhamento:** Regulamentação do Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas, juntamente com a criação de Conselhos e Fóruns Escolares.

6. **Melhoria do Ambiente Escolar:** Investimentos na infraestrutura física das escolas e promoção de ambientes inclusivos, que priorizem a convivência democrática e a resolução pacífica de conflitos.

7. **Valorização dos Profissionais de Educação:** Garantia de que os profissionais da educação recebam formação inicial e continuada, além de condições de trabalho adequadas.

8. **Políticas de Saúde Mental:** Ampliação e fortalecimento da rede de atenção psicossocial nas escolas, assegurando suporte adequado para alunos e funcionários.

9. **Expansão de Espaços Comunitários:** Criação e ampliação de espaços comunitários dedicados a atividades de lazer, socialização, esportes e cultura, favorecendo um ambiente escolar mais saudável.

10. **Protocolos Pós-Ataques:** Desenvolvimento de diretrizes e protocolos adequados ao contexto brasileiro para ações após ataques, garantindo uma resposta estruturada e eficaz.

11. **Acordos com Mídia e Redes Sociais:** Estabelecimento de acordos para que a imprensa e as redes sociais adotem protocolos que evitem a glamorização de ataques e a incitação de novos casos.

12. **Setor de Inteligência:** Melhoria da capacidade de monitoramento de crimes de ódio e violência escolar, com ações articuladas entre diferentes esferas federativas.

Essas doze ações não apenas visam a prevenção de ataques, mas também a promoção de um ambiente escolar mais seguro. A implementação efetiva dessas medidas pode contribuir significativamente para a redução da violência nas escolas e o fortalecimento da cultura de paz.

Conforme indicado no relatório do Ministério da Educação (2023), a colaboração entre instituições educacionais, autoridades e a sociedade é fundamental para a execução bem-sucedida dessas propostas, criando um ambiente seguro e saudável para todos os alunos.

7.2 Medidas Estruturais de Proteção

Proteção Balística

- **Estrutura das Escolas:** É fundamental garantir que as paredes de concreto das escolas estejam em boas condições. Essas paredes oferecem uma proteção natural contra armas de fogo de baixa energia, que são frequentemente utilizadas nos ataques no Brasil.
- **Mobiliário Móvel:** Sugere-se o uso de mobiliário móvel dentro das salas de aula, como armários, que possam ser deslocados com facilidade para barricar portas em situações de emergência, complementando a estrutura das salas.
- **Quadros Brancos Móveis:** A instalação de quadros brancos móveis com proteção balística, utilizados em algumas escolas americanas, pode proteger tanto janelas quanto portas em caso de disparos. Esses quadros combinam função pedagógica e segurança, proporcionando uma proteção significativa em situações de emergência. Criados para serem facilmente movidos, eles permitem que os alunos e professores bloqueiem entradas ou se protejam durante um ataque, ajudando a aumentar as chances de sobrevivência em sala de aula (WXXI, 2023). Essas medidas visam aumentar a segurança nas salas de aula, proporcionando uma proteção

eficaz contra ameaças externas. Ao investir em infraestrutura resistente e adaptável, as escolas podem criar um ambiente mais seguro para alunos e educadores, minimizando os riscos associados a possíveis ataques.

Adaptação dos Espaços Físicos

- **Rotas de Fuga:** As rotas de fuga devem ser acessíveis e sinalizadas em todas as áreas da escola, com simulações periódicas para garantir que alunos e funcionários saibam como agir em emergências. As portas de saída de emergência devem incluir sistemas de fechamento automático e barra antipânico, facilitando a evacuação rápida, conforme as normas técnicas de segurança. Além disso, é crucial que as escolas tenham escadas alternativas para os andares superiores, pois, no Paraná, muitas escolas foram projetadas com apenas uma escada de acesso, limitando as opções de evacuação em caso de ataque. A presença de múltiplas saídas ajuda a garantir a segurança dos alunos e funcionários, proporcionando caminhos de fuga eficazes em situações de emergência.
- **Criação de "Salas Seguras":** A designação de salas seguras é crucial. Essas salas, equipadas com paredes de concreto reforçado e travas de segurança automáticas, devem também contar com meios de comunicação diretos com a polícia ou autoridades locais. Esses espaços devem ser equipados com painéis balísticos e barreiras móveis para maximizar a segurança dos alunos.
- **Espaços Multiuso:** Espaços multiuso adaptáveis podem ser uma solução eficaz. Áreas como ginásios e auditórios podem ser rapidamente transformadas em locais de proteção durante crises, com a instalação de barreiras móveis e móveis de fácil deslocamento, possibilitando o bloqueio de entradas e a criação de espaços de abrigo temporários.

Uso de Tecnologia e Monitoramento

A tecnologia pode desempenhar um papel crucial na segurança das escolas do Paraná, oferecendo soluções inovadoras que aumentam a proteção em situações de emergência. A implementação de sistemas de bloqueio automático de portas, que permitem o bloqueio remoto de entradas, pode ser eficaz para isolar áreas do edifício em momentos críticos. Além disso, alarmes de intrusão, que podem ser acionados em caso de emergência, oferecem uma camada adicional de segurança, alertando tanto os funcionários quanto as autoridades locais sobre

possíveis ameaças. O controle de acesso, utilizando cartões magnéticos ou biometria, é outro aspecto importante para restringir a entrada a indivíduos não autorizados.

A instalação de câmeras de segurança deve ser estratégica, cobrindo áreas críticas da escola. O monitoramento em tempo real, realizado por equipes de segurança, é fundamental para detectar atividades suspeitas de forma imediata. Juntas, essas soluções tecnológicas ajudam a garantir segurança em tempo real durante um ataque, criando um ambiente escolar mais seguro e proporcionando aos alunos e funcionários uma sensação de proteção em suas atividades diárias.

7.3 Treinamento de Professores, Alunos e Funcionários

O treinamento de professores e funcionários em algumas escolas do estado do Paraná para lidar com situações de ataque de agressor ativo foi inicialmente ministrado pelo Batalhão de Operações Especiais (BOPE). O objetivo era capacitar esses profissionais a reagirem de forma rápida e eficiente em caso de emergências. Os treinamentos eram concluídos com simulados, durante os quais os participantes seguiam o protocolo **Corra, Esconda-se ou Lute**, orientando suas ações de acordo com as fases de um possível ataque.

O foco inicial era capacitar os profissionais das escolas, com a expectativa de que eles repassassem esses conhecimentos aos alunos, assegurando que toda a comunidade escolar estivesse preparada para agir corretamente em caso de ataque. O Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC), que inicialmente participava desses treinamentos junto ao BOPE, assumiu atualmente a responsabilidade de dar continuidade a essa capacitação. O BPEC promove as capacitações regularmente e reforça o protocolo entre professores, funcionários e alunos.

A metodologia utilizada nesses treinamentos segue o Procedimento Operacional Padrão (POP) nº 200.2 da PMPR, assegurando que as ações sigam um padrão eficiente em resposta a crises. Os treinamentos são aplicados de forma a garantir que as instruções, como a identificação de rotas de fuga, a utilização de barricadas nas salas de aula e a preparação para a defesa ativa ("Luta"), sejam seguidas corretamente. Tais instruções capacitam a equipe escolar a tomar decisões rápidas e coordenadas, maximizando a segurança de todos em uma situação de emergência.

7.4 Prevenção Psicológica e Monitoramento

A prevenção psicológica nas escolas é fundamental para garantir um ambiente seguro e propício ao aprendizado. Programas de monitoramento contínuo de comportamentos de risco entre os alunos são essenciais para a identificação precoce de problemas de saúde mental e para a implementação de intervenções adequadas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2004), a promoção da saúde mental nas escolas é um aspecto crítico para o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, uma vez que um ambiente escolar positivo e de apoio pode reduzir os riscos de problemas emocionais e comportamentais, promovendo, assim, o bem-estar geral dos alunos.

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC, 2023) reconhece a importância de integrar serviços de saúde mental nas escolas como parte de uma estratégia abrangente de promoção da saúde. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica também incentivam a inclusão de conteúdos relacionados à saúde mental no currículo escolar, orientando as instituições a desenvolver programas que abordem a saúde emocional e mental, promovendo um ambiente escolar saudável e acolhedor.

Essas ações visam não apenas prevenir problemas psicológicos, mas também criar um espaço de escuta e apoio, onde os alunos possam se sentir seguros para compartilhar suas preocupações e dificuldades. A colaboração entre escolas e profissionais de saúde mental é crucial para o sucesso dessas iniciativas, uma vez que a formação contínua de professores e funcionários em identificar sinais de alerta e agir de maneira apropriada garante que a comunidade escolar esteja preparada para lidar com situações de crise.

Além disso, o acompanhamento regular dos alunos, aliado à implementação de programas educativos sobre saúde mental, pode contribuir significativamente para a criação de um ambiente mais saudável e acolhedor nas escolas. A promoção de uma cultura de cuidado e respeito à saúde mental é um passo vital para o fortalecimento da resiliência dos alunos e para a construção de uma comunidade escolar mais unida e solidária.

Assim, as escolas paranaenses deveriam contar com iniciativas que monitorem comportamentos de risco, aliadas ao serviço de apoio psicológico e programas de prevenção e intervenção. Essas estratégias são essenciais para a construção de um ambiente escolar que não apenas promova a aprendizagem, mas também cuide da saúde mental e emocional dos alunos, preparando-os para os desafios da vida.

7.5 Integração com Forças de Segurança Locais

A integração entre escolas e forças de segurança é essencial para garantir um ambiente educacional seguro e acolhedor. O Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC) já está presente nas instituições de ensino do estado, proporcionando maior sensação de segurança e apoio à comunidade escolar. Além disso, algumas escolas no estado do Paraná são contempladas por policiais da reserva por meio do Programa Escola Segura, uma iniciativa do Governo do Paraná em colaboração com a Polícia Militar e as Secretarias de Estado da Educação e do Esporte, que visa não apenas aumentar a segurança nas escolas, mas também promover a integração entre a comunidade escolar e as forças de segurança.

Para fortalecer ainda mais essa colaboração, é importante estabelecer parcerias sólidas entre as escolas e as forças de segurança locais, implementando canais de comunicação rápida e direta. Isso pode incluir a criação de grupos de WhatsApp ou plataformas digitais que permitam um contato imediato em situações de emergência. A comunicação eficaz entre a escola e as autoridades de segurança é crucial para a resposta rápida a qualquer incidente, garantindo que as ações necessárias sejam tomadas de forma coordenada.

Além disso, a realização de reuniões periódicas entre representantes das escolas e das forças de segurança pode ajudar a identificar e resolver problemas de segurança antes que se tornem críticos. Essas reuniões serviriam como um espaço para discutir preocupações, compartilhar informações e desenvolver estratégias de prevenção e resposta a incidentes.

A integração das forças de segurança nas escolas não só contribui para a segurança física dos alunos e profissionais, mas também para a construção de um ambiente de confiança e colaboração, essencial para a promoção da aprendizagem e do bem-estar dos estudantes.

7.6 Inteligência Policial

A inteligência policial exerce um papel fundamental no monitoramento e identificação de potenciais ataques de agressores ativos, desempenhando uma função vital na prevenção desses eventos. O monitoramento de redes sociais, em particular, tem se mostrado uma ferramenta eficaz na detecção de padrões de discurso de ódio e ameaças violentas, que frequentemente precedem ações de agressores, especialmente em contextos como escolas e locais públicos. A capacidade de identificar esses comportamentos precocemente permite que as autoridades ajam de forma preventiva, evitando a escalada da violência (SILVA et al., 2016; BRYNIELSSON et al., 2013).

Além disso, a coleta, análise e integração de dados de diversas fontes possibilitam que as forças de segurança detectem ameaças potenciais antes de se concretizarem. Essa inteligência preventiva permite a elaboração de estratégias de contenção e mitigação de riscos, aumentando a eficácia na neutralização de ataques e, conseqüentemente, protegendo vidas e reduzindo danos à sociedade.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ataques perpetrados por agressores ativos no Brasil têm aumentado consideravelmente desde 2022, impulsionados pela disseminação de notícias em tempo real nas redes sociais. Esses incidentes, apesar de ocorrerem em diferentes locais, seguem um padrão específico, visando causar o maior número de vítimas em um curto espaço de tempo. Na maioria dos casos, esses episódios são motivados por ideologias extremistas, frequentemente associadas a discursos de ódio, que se originam de situações de bullying, tanto nas escolas quanto nas plataformas digitais.

Nos Estados Unidos, mais de 200 ataques desse tipo foram registrados nos últimos cinco anos. Ao comparar os incidentes americanos com os brasileiros, identificamos três divergências principais: a presença de armas longas, como rifles e espingardas, que não são comuns no Brasil; o uso de proteção balística pelos agressores; e a concentração da maioria desses ataques em ambientes não escolares, ao contrário do Brasil, onde poucos incidentes ocorreram fora de instituições de ensino.

Para compreender o problema, é essencial analisar suas causas e o modus operandi dos agressores, além de apontar soluções viáveis que englobem tanto a mitigação quanto a preparação. A mitigação envolve ações de longo prazo, como a conscientização e o combate ao discurso de ódio, colaboração com a comunidade e acompanhamento psicológico de alunos e profissionais da educação, visando identificar comportamentos que possam indicar a presença de agressores ativos. A preparação abrange medidas estruturais de proteção, conforme descrito no item 7.2, e inclui treinamentos regulares para alunos, professores e funcionários. Nesse contexto, a Polícia Militar do Paraná (PMPR), através do BOPE e do BPEC, realiza instruções que capacitam e ensinam técnicas que aumentam a chance de sobrevivência em casos de ataques dessa natureza.

Esses treinamentos, que incluem simulados, permitem que todos os participantes pratiquem as ações fundamentais de "correr, se esconder ou lutar". Essa abordagem evidencia

que, quando aplicados de forma adequada, esses protocolos não apenas aumentam as chances de sobrevivência, mas também garantem um tempo crucial para que as equipes policiais cheguem ao local e ofereçam apoio. A prática regular dessas técnicas permite que alunos, professores e funcionários respondam de maneira mais eficaz e coordenada, reduzindo o pânico e aumentando a segurança em situações de emergência. Nesse sentido, é fundamental que, enquanto se implementam políticas públicas voltadas para a mitigação — como o combate a ideologias extremistas, bullying e a promoção da cultura da paz — o ambiente escolar esteja devidamente preparado para otimizar as chances de sobrevivência durante um ataque.

Esses episódios são complexos e exigem uma abordagem holística. As medidas necessárias para prevenir esses atos violentos nas escolas brasileiras devem ser abrangentes e multifacetadas, abordando diversos fatores, especialmente os voltados para a prevenção.

Em resposta a essa situação alarmante, o governo federal implementou alterações legislativas específicas, destinadas a penalizar condutas que ameaçam a segurança nas instituições de ensino. Essas mudanças têm como objetivo criar um ambiente mais seguro para alunos e educadores, estabelecendo diretrizes que vão desde a prevenção até a resposta a situações de crise.

Esses ataques representam uma grave violação à segurança pública. No âmbito estadual, a PMPR desempenha um papel essencial, tanto ao repassar orientações sobre como agir em tais situações, quanto ao estar preparada para responder de forma ágil e eficiente quando esses incidentes ocorrerem. Além disso, a atuação da Diretoria de Inteligência da PMPR é crucial no acompanhamento de ocorrências relacionadas a agressores ativos, atuando de forma preventiva na identificação de potenciais ameaças. Por meio do monitoramento e análise de informações, a inteligência policial pode detectar indícios de crimes em fase de planejamento, permitindo ações rápidas para desarticular esses ataques antes que sejam executados. Esse trabalho é essencial para aumentar a segurança e proteger a sociedade, prevenindo tragédias e minimizando o risco de novos atentados.

A PMPR integra o programa "Escola Segura", esse programa promove ações de segurança, incluindo a capacitação de profissionais da educação e a implementação de medidas preventivas. O enfoque está na mediação de conflitos, que contribui para a criação de um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso, ajudando a mitigar tensões que podem resultar em violência. Além disso, o aumento da presença policial nas instituições de ensino pode ser um fator crucial para inibir possíveis ataques.

Neste ínterim, a Polícia Militar do Paraná (PMPR) é reconhecida como um agente fundamental na promoção da segurança nas escolas, atuando de forma a incentivar a implementação de melhorias estruturais. O foco é criar um ambiente mais seguro em caso de ataques de agressores ativos, através da promoção de estratégias que reforçam a proteção de alunos, professores e funcionários. Essas diretrizes buscam tornar as instalações mais adequadas para oferecer abrigo e segurança durante crises. Com essas melhorias, espera-se que as escolas aumentem significativamente as chances de sobrevivência e minimizem os impactos desses ataques.

As melhorias propostas para as escolas do Paraná, delineadas neste artigo, são de extrema importância quando combinadas com as iniciativas já em vigor. É fundamental que a comunidade escolar esteja preparada para agir de forma eficaz em situações de crise. A mitigação de riscos, através de ações como a promoção da cultura da paz, o combate ao discurso de ódio, a prevenção do bullying e o acompanhamento psicológico, desempenha um papel fundamental na redução da probabilidade de ocorrências violentas. Os protocolos de ação, que incluem estratégias como "correr, se esconder ou lutar", capacitam alunos, professores e funcionários a responderem adequadamente durante um ataque, garantindo sua própria proteção. Essa preparação é crucial, pois uma resposta rápida e bem-instruída pode ser a diferença entre a vida e a morte em situações críticas. Portanto, as orientações de segurança e as sugestões de melhorias — que abrangem tanto aspectos estruturais quanto ações de conscientização e treinamento — são vitais para assegurar a proteção de todos, permitindo que se resguardem de maneira proativa até a resolução da situação.

Trata-se, portanto, não apenas de um problema de segurança pública, mas também de educação, saúde pública e de ordem social, o que exige a atuação coordenada de diversos órgãos para se alcançar uma solução mais eficaz e efetiva. Em suma, os ataques de agressores ativos no Brasil são uma questão complexa e multifacetada, exigindo respostas que vão além da segurança pública. A prevenção desses atos de violência passa por um esforço conjunto entre governos, forças de segurança, educadores e a comunidade. A PMPR desempenha um papel crucial nesse cenário ao atuar diretamente tanto no campo reativo quanto no preventivo, incluindo treinamento e capacitação. Essa abordagem reforça a segurança nas escolas e as prepara para situações de crise.

Ao integrar inteligência policial, ações estruturais e medidas de conscientização, o Estado pode mitigar os riscos e proteger a sociedade de forma mais eficaz. A implementação

dessas estratégias, aliada a políticas públicas que promovam a cultura de paz, é essencial para reduzir a incidência desses ataques e garantir um ambiente escolar seguro e inclusivo para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Código Penal**. Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Brasília, DF: [s.n.], 1940.

BRASIL. **Decreto n.º 12.006**, de 24 de abril de 2024. Institui o Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas e regulamenta a Lei nº 14.643, de 2 de agosto de 2023. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2024.

BRASIL. **LEI Nº 14.643**, DE 2 DE AGOSTO DE 2023. Autoriza o Poder Executivo a implantar serviço de monitoramento de ocorrências de violência escolar. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 ago. 2023.

BRASIL. **LEI Nº 14.811**, DE 12 DE JANEIRO DE 2024. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 jan. 2024.

BRYNIELSSON, J., HORNDAHL, A., JOHANSSON, F. et al. **Harvesting and analysis of weak signals for detecting lone wolf terrorists**. Secur Inform 2, 11 (2013).

DA SILVA SEIXAS, T.; JACOB, A. **A EFETIVIDADE DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DIANTE DOS MASSACRES EM ESCOLAS NO BRASIL**. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, [S. l.], v. 8, n. 1, 2023. DOI: 10.61164/rmm.v8i1.1500.

1235

DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY. **Active Shooter: How to Respond**. 2008.

FEMA. **Active Shooter Preparedness**. Federal Emergency Management Agency, 2017.

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION. **Active Shooter Incidents in the United States in 2023**. Washington, D.C.: FBI, 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010

LOUZADA, M. C. **A educação como direito humano: o fenômeno dos ataques de violência extrema contra as escolas**. Caderno Pedagógico, [S. l.], v. 21, n. 7, p. e5487, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n7-053.

NUNES, J. S. **Violência nas Escolas: Desafios e Propostas**. Revista de Educação e Sociedade, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2020.

OLIVEIRA, T. P. **O Papel das Iniciativas de Segurança nas Escolas**. Jornal de Educação e Segurança, v. 8, n. 2, p. 12-18, 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental.** Brasília-DF. 2023.

RIC MAIS. (2023). **Escondido, aluno flagra disparos e gritos de atirador: “Eu sei que tem gente aí”.** Disponível em: <https://ric.com.br/prja/seguranca/escondido-aluno-flagra-disparos-e-gritos-de-atirador-sei-que-tem-gente-ai/>. Acesso em: 01 out.24.

SANTANA, M. R. **Segurança Escolar: A Importância da Prevenção.** Educação em Debate, v. 15, n. 1, p. 21-30, 2021.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Escola Segura.** Paraná: Governo do Estado do Paraná, 2023. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Escola-Segura>. Acesso em: 03 out. 2024.

SILVA, L.; MONDAL, M.; CORREA, D.; BENEVENUTO, F.; WEBER, I. Analyzing the Targets of Hate in Online Social Media. **Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media, [S. l.]**, v. 10, n. 1, p. 687-690, 2021. DOI: 10.1609/icwsm.v10i1.14811.

SILVA, Marco A. **Primeira intervenção em crises policiais – teoria e prática.** 2ª ed. Curitiba: AVM, 2016.

SILVA DE LIMA, Alexandre Henrique; MENDES COELHO, Fernando. **APRIMORAMENTO DA DEFESA PESSOAL COMO ÚLTIMO RECURSO PARA LUTAR CONTRA AGRESSORES ATIVOS EM ESCOLAS DO PARANÁ.** RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 4, n. 9, p. e494122, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i9.4122.

1236

VANTROBA, Rodrigo. **O PAPEL VITAL DO TREINAMENTO CONTÍNUO DE POLICIAIS MILITARES NA PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO CONTRA ATIVIDADES DE AGRESSORES ATIVOS EM AMBIENTES ESCOLARES.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 9, n. 12, p. 436-460, 2024. DOI: 10.51891/rease.v9i12.12762.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em Administração.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

VINHA, Telma et al. **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil [livro eletrônico]: causas e caminhos.** 1. ed. São Paulo: D3e, 2023.

WXXI NEWS, **After mass shootings, schools rethink ways to keep students safe in the classroom:** disponível em: <https://www.wxxinews.org/npr-news/2023-11-07/after-mass-shootings-schools-rethink-ways-to-keep-students-safe-in-the-classroom>, acesso em: 04 out. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Promoting Mental Health: Concepts, Emerging Evidence, Practice.** Geneva, 2005.

ESTADOS UNIDOS. **Constituição dos Estados Unidos.** Emenda II. Washington, D.C., 15 dez. 1791.